

FPE. O.P. 01. 2012

Adriano Nogueira (Organizador)
Carlos Arguello
Eduardo Sebastiani
J. Wanderley Geraldi
Paulo Freire

CONTRIBUIÇÕES DA INTERDISCIPLINARIDADE

**PARA A CIÊNCIA,
PARA A EDUCAÇÃO,
PARA O TRABALHO SINDICAL**



VOZES

Petrópolis
1994

Em co-edição

APP-Sindicato

Sindicato dos Professores das Redes
Públicas Estadual e Municipais no Paraná
Gestão **OPA** - Em Defesa da Escola Pública

APRESENTAÇÃO

Nossa experiência de vida nos deu uma certeza: a tarefa mais bonita que existe é a de EDUCAR. Sendo um trabalho, essa tarefa tem uma dimensão que cada vez mais se aprofunda, na medida em que refletimos sobre o seu significado.

Nossa história de vida é a história da construção de nossa individualidade, é a construção das maneiras com que pensamos e agimos como Ser Humano: – facilmente podemos perceber que recebemos influências. Mesmo as que parecem pouco significativas são influências que, podendo ser observadas, constroem decisivamente nosso “eu”, constroem nossa configuração de pessoa humana e, assim, constituem nossa capacidade reflexiva de nos sabermos um *“Eu em suas circunstâncias”*. É o Educador quem mais estabelece relações de influência mútua com as pessoas.

A história da Escola como local institucional onde se ensina nos deixa perceber que as intenções existentes nem sempre foram as melhores. Uma das tarefas da

Escola tem sido: – adestramento do Ser Humano buscando enquadrá-lo em modelos, o conhecimento concebido como domínio na condução das relações sociais. E, se esta tem sido tarefa da Escola, podemos dizer que não são objetivos da Educação.

Com a industrialização, as relações sociais de produção e de urbanização estabeleceram desigualdades que são mantidas e explicadas pela dominação. Não apenas a repressão mas, também, através da manipulação da Escola, revestida ideologicamente do papel de ser apenas transmissora. Aqueles que se beneficiam da desigualdade têm procurado explicar que, por definição, a sociedade é uma aura de fraternidade e que, por causa de transgressões malvadas daqui ou dali, alguma coisa não vai bem; como remédio para isso, estes beneficiários da desigualdade injusta têm definido a Escola como lugar padrão para transmitir bons e corretos conteúdos que, transmitidos a todas as pessoas de forma universalmente igual, formariam adultos igualmente corretos e bem pensantes. Nasceu daí a idéia da Escola como reprodução de pensamento, através de conteúdos padronizáveis, previamente listados.

Da clareza com que refletimos nossa formação anterior depende uma outra clareza: – que é que estamos fazendo numa sala de aula? Como tem sido nossa postura? Resumimos o trabalho educativo em percorrer páginas de livro didático? Nas nossas interações profissionais o que é que imprime as direções? Estão transparentes as opções pelas quais nos esforçamos? De segunda a sexta-feira, de fevereiro a dezembro, de ano a ano criamos?, ou repetimos rotinas? São perguntas

importantes, delas depende o nosso afeto, nosso sentimento, nosso processo de permanente formação, nosso prazer humano de ser profissionais realizando-se.

O afeto, o sentimento, a criteriosa formação permanente e o prazer de estar trabalhando e realizando são alguns dos “antídotos” através de que nós podemos nos vacinar. Contra quê? Vacinar contra a apatia, vacinar contra a aceitação submissa, vacinar contra um conformismo disciplinado e burocrático. Esse tipo de enfermidade contaminou nossa formação anterior, principalmente naqueles(as) que se escolarizaram durante o período militar. A vigilância, a manipulação de informações sem transparência, a passividade patriótica foram as atitudes intelectuais que este período impôs à Escola. Nossa formação cultural perdeu: – perdeu em sensibilidade, perdeu a capacidade de macro-visões em meio às quais a reflexão descobre as relações, perdeu o senso de responsabilizar-se pelos acontecimentos e pela personalização histórica de nossas vidas. Claro que tudo isso não foi inventado pelos beneficiários daquele período mas, sim, foi eficazmente utilizado.

Nós, professores, temos sido “reciclados” por vários governos, de acordo com várias propostas. No que tem consistido nossas “reciclagens”? É bom nós nos perguntarmos sobre isso. Que é que nós temos assimilado? Metodologias? Planejamentos? Objetivos previamente traçados para cada final de Governo? Licenturas curtas, de final de semana, fazendo parte de uma “formação” apressada: nelas, nós professores, fomos buscar um cartucho que nos elevasse na burocracia e no salário.

Houve um tempo em que surgiu um livrinho chamado: "as políticas da SEEd". Neste livrinho a Secretaria Estadual de Educação explicitava suas opções e institua, através dos Núcleos Regionais, equipes de ensino. Para quê? Para discutirmos a Educação. Logo depois essa tentativa sucumbiu: – antes de fazer brotar consciência política, preferiu-se transmitir as metas da política vigente.

Podemos fazer outras perguntas, como autoquestionamento. Como nós temos nos formado? Como é que nós temos nos integrado entre os vários graus de ensino, entre as várias disciplinas? Como temos influído na continuidade de formação, através das 80 horas de formação?

Este livro aqui tem por objetivo falar de formação permanente. Propomos ao(à) leitor(a) que o tome como um conjunto de discussões. Não se trata de um livro "pronto e acabado" mas, sim, trata-se de reflexões que estão em processo, buscando melhores posturas em Educação através do trabalho interdisciplinar. Esta é uma das características da A.P.P. Sindicato: – eleita a partir de setembro de 1993, a gestão atual da APP implementou a Secretaria de Assuntos Educacionais. Por quê? Porque esta Diretoria Sindical compreende que o Sindicato não se resume ao eixo financeiro-profissional e, assim, busca instrumentos de formação, busca resgatar no professor o educador. Falaremos de formação permanente e interdisciplinar, falaremos de nossos esforços para uma política pedagógica da Escola Pública.

Há vários textos, construídos em Encontros havidos. Os Professores Carlos Arguello (de formação em

Física e Educação), Eduardo Sebastiani (Matemática, História da Educação Matemática), João Wanderley Geraldi (da Lingüística) e Adriano S. Nogueira (Filosofia da Educação) estiveram convidados a alguns Encontros de Formação e, ali, daquelas reflexões, brotaram estes textos que se seguem. O Mestre Paulo Freire faz uma Introdução. Coisa de valer a pena: – *"a verdadeira Pedagogia é a arte de fazer da curiosidade algo metódico e permanente. É assim que o Ser Humano conhece e se reconhece. É importante aprender a aprender para que nossas aulas não se transformem em velhas e enfadonhas lições"*.

Outros trabalhos virão. Trabalhos de formação ocorrem, pensamos nós, por iniciativa de Núcleos, por iniciativa de grupos de professoras, por iniciativa de Colegiado de Escolas, etc. São variadas iniciativas no sentido de compreender cada dia melhor a grandeza da tarefa de Educar. E nós, da Diretoria da Associação de Professores Paranaenses, estaremos cumprindo uma importante missão histórica.

*Curitiba, março de 1994.
A.P.P. Sindicato*

INTRODUÇÃO

O trabalho em educação considerado em três dimensões

- 1) a militância sindical e a formação de uma postura progressista,
- 2) a formação permanente da competência profissional,
- 3) uma concepção de conhecimento científico interdisciplinar.

ADRIANO S. NOGUEIRA – (AN) – A questão inicial que lhe coloco, Paulo, vem no sentido de qualificar o RUMO e a CLIENTELA com quem esta nossa fala vai interagir, provocando reflexões na forma dialógica peculiar a Paulo Freire. Estou te convidando a conversar/refletir com professoras. Há um órgão técnico-político que vai instrumentar essa nossa fala: é um sindicato de professoras, a A.P.P. paranaense. E, finalmente, há uma prioridade desta categoria profissional: essa prioridade seria o conhecimento transdisciplinar, num trabalho multiprofissional. Então, Paulo, esta prosa é um desafio de correlacionar três dimensões:

1) CONVERSAR com professoras que trabalham na rede, quer dizer uma primeira dimensão. Vai-se falar do necessário aprofundamento que é básico na formação de profissionais competentes.

2) CONVERSAR com professoras sob a ótica da ação sindical quer dizer uma segunda dimensão desta fala. Vai-se falar daquela que seria uma postura profissional progressista.

3) CONVERSAR sobre a formação permanente "dentro" da militância progressista quer dizer uma terceira dimensão. Vai-se provocar reflexões em torno à transdisciplinaridade como procedimento necessário para construir conhecimento.

Pensei que esta prosa poderia iniciar partindo de alguns parágrafos escritos por ti no livro *Cartas a Cristina*, editora Paz e Terra. Numa certa altura do livro Paulo escreveu assim:

Nossa preocupação deve ser com melhorar a democracia e não apedrejá-la, suprimi-la, como se ela fosse a razão de ser de certa falta de vergonha que anda por aí... o que devemos fazer é aperfeiçoar as instituições, diminuindo facilidades que ajudam as práticas antiéticas.

Uma das exigências da pós-modernidade progressista é não estarmos demasiado certos de nossas certezas, ao contrário do exagero de certezas da modernidade. O diálogo entre os diferentes se impõe para que, assim, possamos contradizer, com possibilidades de vitória, nossos antagonicos. O que não podemos fazer é transformar uma divergência adjetiva em divergência substantiva. Nem pode-

mos promover um desacordo (entre aliados de esquerda) em obstáculo intransponível. Nem podemos, finalmente, tratar-mo-nos entre esquerdas como se estivéssemos entre esquerda e direita: fazendo apenas pactos entre nós, em lugar de aprofundar o diálogo necessário".

E por aí, Paulo, vou começando a "provocar-te". Uma das inferências nossas a partir deste trecho é sobre a questão de fazer alianças; outra inferência nossa poderia ser sobre trabalhar/atuar junto a grupos (ou partidos) que não se definem exatamente da mesma maneira como nós nos definimos perante certas prioridades. Uma forma de "interpretar" o que tu escreveste é mais ou menos assim: - meu grupo, ou o partido em que estou militando, vai fazer alianças, tendo em vista administrar com maioria representada. Ao fazer alianças, na verdade o que estamos fazendo é escolher grupos diferentes para brigarmos e discutirmos juntos e, através desse "brigar com", iremos administrar um sindicato, uma cidade, etc. PORTANTO, meu grupo escolhe dentre outros grupos (ou partidos) aqueles com quem é possível "brigar com". Pergunto se isso é uma forma dialógica: cada um dos grupos (ou partidos) "briga junto" e aprimora suas diferenças na medida em que tenta fazer uma boa administração. Não se trata de "brigar pelo" poder. Nem se trata, simplesmente, de "brigar para" puxar o tapete daquele com quem escolhemos fazer alianças. Pergunto se esse "brigar com" se assemelha àquilo que tu escreveste do diálogo entre esquerdas.

Diferente disso tudo é nossa postura diante da direita. Nós "brigamos contra" a direita. Não fazemos aliança, não "brigamos com" a direita. Porque contra a

direita nós temos diferenças que são substantivamente intransponíveis.

PAULO FREIRE – (PF) – Penso, Adriano, a partir de colocações tuas que há pactos que são necessários. A classe trabalhadora necessariamente fará pactos com alguns setores dominantes. E esses pactos são feitos para que haja espaço de se exprimir mais, podendo brigar mais. No entanto, esse pacto existe exatamente porque, neste sistema que está aí, é impossível diálogo entre classe trabalhadora e dominante. É impossível diálogo mas é necessário se manifestar no espaço da administração pública: então ocorrem os pactos. Em questões em que parece haver apenas o impasse, em momentos em que decisivamente a classe trabalhadora perderá terreno... aí, então, faz-se o pacto. Ele adia confrontos fundamentais, ele permite marcar posição para, num próximo momento, retomar o confronto. Outra coisa é o diálogo. Esquerda e esquerda dialogam, podem dialogar. Não para que uma possa converter a outra mas, talvez como disseste antes, para que haja diálogos de tipo “brigar com”, e, assim, aprimorar posições diferentes. A partir deste tipo de diálogo que aprimora, cada esquerda pode brigar melhor contra seus antagônicos. Os pactos imprescindíveis ocorrerão de forma cada vez mais propícios à esquerda, pois esta se aprimora.

(AN) – Vejo, Paulo, que retomamos a noção de diálogo. Permite-me “decompor” esta palavra: *dia logos* é coisa que veio lá dos gregos. O Logos tinha uma significação muito abrangente. Queria dizer, pelo menos, três dimensões: LOGOS era aplicável ao “ser”, era

aplicável a um “dizer” e era, também, um “interagir”. Em linguagem mais nossa, de hoje, LOGOS significaria 1) a Subjetividade capaz de existência e autodeterminação, 2) o campo semântico ou campo da significação discursiva que se constitui, através do “dizer”, e 3) a interação, através da qual se compreende a Subjetividade como “coisa da polis”. Esse LOGOS é um “ser”, é um “dizer” e é um “interagir” cidadão. Portanto esse LOGOS, ou essa palavra (numa concepção ampla), é uma palavra-mundo (termo teu, Paulo, em outro livro). Essa palavra é cheia de mundo: – mundo de “ser”, mundo de “dizer o mundo” e mundo de “interagir politicamente”.

Bem, Paulo, o DIÁLOGO com que tu tens trabalhado desde há muitos anos tem estas dimensões da palavra-mundo. Quando duas subjetividades dialogam ou, então, quando dois grupos (partidos) dialogam, o que eles estão fazendo é – mutuamente, sempre – considerar um ao outro a palavra. Consideram mutuamente a maneira de “ser”, a maneira de “dizer o mundo” e a maneira de “interação política”. Esse prefixo “dia” que é acrescentado ao LOGOS quer dizer: através, por meio de. Penso eu, Paulo, que DIÁLOGO poderia significar aquele “brigar com” os que são diferentes e conciliáveis à minha posição político-partidária. Através de DIÁLOGO cada um dos dialogantes avança através de convivência entre palavras-mundo diferentes (mas não antagônicas).

(PF) – Em seguida, Adriano, e complementando isto aí, eu diria que uma das razões pela qual necessitamos trabalhar de forma transdisciplinar é a própria busca da objetividade. Vejamos isso aí: minha reflexão trabalha

em direção à totalidade do Real. E a totalidade da realidade é transdisciplinar (ou multidisciplinar). Neste sentido, eu diria que a transdisciplinaridade se impõe à Subjetividade que reflete. Não é o inverso, não é a Subjetividade que inventou esse treco chamado transdisciplinaridade. Fazendo uma metáfora comparativa, é como se a totalidade do Real, enquanto totalidade, dissesse à Subjetividade reflexionante algo assim: – “tirem o cavalinho da chuva se quiserem me entender simplesmente através de um só ângulo ou uma só disciplina; pois eu, enquanto totalidade, sou apreensível em retotalizações compreensivas”.

(AN) – E por que retotalizações, Paulo?

(PF) – Tenho em vista o seguinte: pode ser que nossa reflexão vá cindindo o Real. Fazer cisões na realidade quer dizer que através de parcialidades pode-se mais facilmente trabalhar. Seria o processo analítico de cindir, analisar, retotalizar. Neste caso, então, a totalidade do Real diria à Subjetividade reflexionante: “se a apreensão de vocês, Humanos, necessita primeiro cindir-me, em partes, a exigência da totalidade é, em seguida, retotalizar. Pois a compreensão só ocorre plenamente quando se vislumbra o todo, e se relaciona com o Real integral”. PORTANTO, Adriano, penso que a transdisciplinaridade passa pela análise, que cinde o Real. E, no entanto, a transdisciplinaridade se conclui quando as diferentes disciplinas retotalizam aquilo que foi cindido.

(AN) – Pergunto, para provocar a continuidade de tua reflexão: isto que tu afirmas seria um certo movimento pelo qual a inteligência compreende a realidade quando vai mais adiante, movimentando-se através das

particularidades de sua tendência (político-partidária) ou da particularidade de sua preferência (a química, a matemática, a língua, a história, etc.)? Pergunto mais: – seria através deste movimento que a reflexão supera a cisão da realidade e, indo além da própria palavra-mundo, aprimora em si mesma a capacidade de “ser” no mundo, a capacidade de “dizer” o mundo e “interagir” no mundo? Seria através deste movimento que a inteligência (a reflexão) supera a cisão da realidade e, indo além da própria palavra-mundo, aprimora em si mesma a capacidade de “ser” no mundo, de “dizer” o mundo e “interagir” dizendo-se no mundo? Finalmente, Paulo, pergunto: se as ações Humanas se basearem num tipo de análise que não retotaliza, poderíamos dizer que são ações míopes? ou, então: as ações Humanas que não são calcadas na superação através do DIA-LOGOS poderiam ser denominadas ações que confundem a totalidade do Real com a compreensão parcial da própria tendência (ou preferência)? Portanto são ações que não aprimoram mas, simplesmente, confirmam a parcialidade prévia da cisão e da tendência.

Vai por aí?

(PF) – Nestes casos, Adriano, não existe a retotalização. E não se alcança a compreensão da realidade.

(AN) – Agora, Paulo, faço outra provocação a ti. Mais incisiva. Nós dois estivemos de acordo, nesta prosa aqui, quanto ao método analítico como uma necessidade prévia à compreensão total. Talvez seja uma necessidade didática facilitadora. O método analítico de fato contribuiu com a história humana ocidental. NO ENTANTO, PAULO, há etnias indígenas que procedem de

outro modo, eles refletem sem necessitar deste caminho lógico-analítico. Além das etnias indígenas, tu bem sabes, Paulo, há grupos populares, há toda uma população de negros, há populações latino-americanas descendentes de quechuas ou incas ou aymaras...enfim, grandes grupos cuja reflexão opera com uma miscigenação entre a lógica analítica e outros parâmetros de LOGOS. Pergunto, Paulo, como proceder com a reflexão e com a transdisciplinaridade? Pergunto mais, Paulo: como manter a rigorosidade do conhecimento nestes casos de diferentes lógicas de refletir a realidade?

(PF) – Olhe, Adriano, eu estou convencido de que o rigor não se encontra no achado, não se encontra no produto final da reflexão. Mas, sim, o rigor está no processo de refletir. Na aproximação que faço em direção ao mundo (e ao objeto) existe o rigor. Veja você: esta aproximação a que me refiro traduz um Sujeito curioso que caminha rumo ao objeto. Eu serei mais rigoroso se trato da eficácia ao longo de caminhar acercando-me. O que é que eu encontro? O que seria o produto final do meu achado? *Primeiro* eu encontro o próprio objeto. *Simultaneamente*, e aqui eu recorro à Grécia, eu encontro também a razão de ser deste objeto. Estes encontros ou, então, esses achados meus de forma alguma me autorizam a afirmar o seguinte: o que eu encontrei é o mais certo ou o mais verdadeiro. É uma questão de humildade, puxa vida. PORTANTO, pode haver outros achados, conforme outras lógicas de acercamento da realidade. Desde que, é claro, mostrem a sua eficácia e o seu rigor próprios, é possível haver outras lógicas e outros caminhos de acercamento da realidade.

(AN) – Explico-me, Paulo, porque foi que te provoquei com esta questão de outras lógicas. Talvez aquelas lógicas pudessem ser denominadas não-analíticas ou não aristotélicas. Há uma explicação, Paulo, que é uma provocação: no exemplo da reflexão própria à lógica de uma etnia indígena, há inúmeros exemplos que nos mencionam os que trabalham em educação indígena (estou me lembrando do Prof. E. Sebastiani). Pois bem, a reflexão de certas etnias é completamente transdisciplinar. Ou seja, quando um indígena ainda não “branqueado” equaciona uma dificuldade segundo sua reflexividade, este índio é inter-disciplinar nas suas conclusões. Ele é físico, é biólogo, é geógrafo, é historiador, etc. Por isso mesmo é que o conhecimento destas etnias é tão próximo da Realidade em que ele (índio) vive.

(PF) – Pois veja, meu amigo, além da eficácia reflexiva destas etnias, temos aí mais uma outra evidência de que o Real é, enquanto Real, uma totalidade transdisciplinar. E só é apreendido em retotalizações. A inter-(ou trans)disciplinaridade é demanda da Natureza e da Realidade do Mundo. É como se ela dissesse: “vocês, Humanos, podem conhecer-me mas, pra ajudá-los, eu vou logo dizendo que só me conhecerão com a condição de correlacionarem dialogicamente as múltiplas partes ou tendências que são necessárias a vocês”. A transdisciplinaridade, então, foi uma descoberta do Ser Humano, descoberta necessária. Necessária para quê? Para lidar com outra necessidade anteriormente descoberta: ela veio para lidar (retotalizando) com a necessidade da análise, que particulariza aspectos do Real.

(AN) – Outra provocação, Paulo. Este modo de lidar com a realidade, apreendendo-a integralmente e transdisciplinarmente, oferece ao Sindicato de Professoras (a APP, em nosso caso) uma oportunidade de fazer melhores alianças dialógicas e, também, quando for o caso, estabelecer pactos menos ingênuos. Mais diálogo (entre esquerdas) e menos ingenuidade (em relação à direita) seria, então, uma contribuição do conhecimento da realidade integral, transdisciplinar...

(PF) – ... creio que teremos Sindicatos mais ágeis, mais brigões e menos chatos. Sindicatos capazes de um conhecimento profundamente próximo à realidade. Sindicatos capazes de formar profissionais cada vez mais politizados e competentes. Superariam com rigor e competência aquelas antigas imagens inventadas pela direita: – esquerda não é, de modo algum, estilingue por ser oposição à direita que é, por sua vez, vidraça.

Sobre essa questão da *qualidade do conhecimento*, Adriano, permite-me comentar alguns aspectos deste livro, *Cartas a Cristina*, de que leste trechos. É um livro que comenta momentos do cotidiano ao longo de uma vida e elabora reflexões, aqui e ali, que decolam do cotidiano. Ao escrever sobre o cotidiano o texto do livro toma distância deste cotidiano e produz, assim, um confronto didático entre o Senso Comum cotidiano e um certo distanciamento deste Senso Comum. O(a) leitor(a) é envolvido neste tipo de reflexividade que parte do cotidiano, distancia-se e sai dele e, quando retornar, será um retorno com melhor rigor e mais objetividade nos pontos de vista e nas opiniões sobre o dia-a-dia. Esse movimento revitaliza profundamente o

potencial crítico da teoria e do ato teórico. Essa qualidade de produção teórica, Adriano, aproxima profundamente o autor de seus(as) leitores(as). Aproxima no sentido de conquistar. Não conquistar para si, autor teórico, mas sim conquistar o(a) leitor(a) para um ato de, juntos, debruçarem-se criticamente sobre a realidade. Penso que essa seria uma qualidade de conhecimento objetivo que envolveria professoras e sindicalistas. A *qualidade do conhecimento* gerado nestas condições impregna as ações sindicais de uma vitalidade profunda. Ele é gerador de conhecimento objetivo. Ele é dialógico nas suas alianças e, nisso, o que faz é aprimorar diferentes óticas de compreensão das esquerdas sobre si mesmas e sobre a realidade. Ele é mais brigão contra seus antagonistas e sua elasticidade nos pactos com estes evidencia uma competência profissional e uma ética que a direita não sabe demonstrar que tem, se tem.

(AN) – Esse conjunto de características, Paulo, próprias à qualidade do conhecimento de realidade, isso seria a marca da postura progressista? Poderia servir como começo de outras discussões, subsequentes a esta? Poderia ser esta a provocação desta nossa prosa?

E aqui, Paulo, volto ao começo desta nossa prosa. Retorno à afirmação que tu escreveste, comentando o aprimoramento da democracia. Aprimorar a democracia teria, então, que passar pelo aprimoramento das diferenças que dialogam. É por aí?

Estou pensando no seguinte rumo: esse aprimoramento tem a ver com a questão DA REPRESENTAÇÃO. Um grupo (ou partido) se elege porque REPRESENTA suas bases e, nas suas ações, esse grupo

está "preso" aos desejos/necessidades dos REPRESENTADOS. Na medida em que esse grupo (ou partido) dialoga, na medida em que faz alianças ele poderá produzir novos conhecimentos sobre a realidade. Ele poderá conceber novas posturas. NO ENTANTO, essas novidades (no conhecimento e nas posturas) não significam que se vai trair os REPRESENTADOS. Para não trair, para não distanciar-se dos REPRESENTADOS na medida em que se produzem novidades cada grupo (ou partido) buscará:

– primeiro: estreitar a relação entre representante e representados. Como?

– *Numa segunda preocupação*: renovar propostas e renovar conhecimentos é, também, qualificar essa relação de exigências mútuas. A qual relação me refiro? Aquela entre representante/representado. Ambos aprimoram, portanto, sua capacidade de leitura da realidade. O que está sendo posta em prática aí é uma relação que aperfeiçoa a própria idéia de participação através de REPRESENTAÇÃO. Segundo meu rumo de reflexão, Paulo, isso tudo perpassa pela tua concepção de leitura... pela concepção de palavra mundo...

(PF) – Sim... no sentido de uma complexidade que envolve e relaciona LER-ESCREVER. Além disso, avançando mais em grau de complexidade, estamos tratando do envolvimento e da relação LER-ESCREVER-PENSAR A PRÁTICA. Depois disso, e tornando mais abrangente a complexidade, LER-ESCREVER-PENSAR e FAZER PROPOSTAS PARA A REALIDADE. Tudo isso é muito justo, além de complexo. Minhas ações são molhadas de um certo conteúdo que as qualificam como

interações. Elas (ações) denotam uma busca objetiva, rigorosa e transdisciplinar que, sendo busca, passa através de particularizar a realidade. Depois, ela se reveste dialogicamente e/ou conflitivamente de qualidade epistemológica conquistada. Neste percurso, penso que minha criticidade vai adquirindo a saborosidade de ser e expressar-se com originalidade. É... é saborosidade mesmo. A saborosidade é uma marca epistemológica bastante importante.